

Resumo: Este artigo apresenta as fontes teóricas e as principais características do discurso místico de Leonardo Boff e Frei Betto. Partindo do estudo de um texto conjunto dos dois autores e utilizando como recurso a “análise de conteúdo”, constata-se presença de quatro fontes principais neste discurso: a mística católica clássica, a mística católica contemporânea, a mística oriental e o pensamento ecológico-cosmológico contemporâneo (mística secular). O artigo descreve cada uma destas fontes e recorre a Rudolf Otto para caracterizar este discurso como uma mística de tipo “teopantista”. **Palavras chave:** Teologia da libertação, mística, Leonardo Boff, Frei Betto.

Abstract: The present article discusses the theoretical bases and the main characteristics of Leonardo Boff and frei Betto’s mystical discourse. Using the content analysis technique as a tool and taking as a starting point the study of a text written by both authors, we see the presence of these main influences in their work: the classical catholic mystic, the contemporary catholic mystic, the oriental mystic and the secular mystic (contemporary ecological-cosmological thought). The article describes each one of the influences and uses Rudolf Otto to characterize the former discourse as a mystic of the “theopanthist” kind. **Key words:** liberation theology, mystic, pantheism, “theopanthism”, sociology of mystic.

Panteísmo ou Teopantismo? Fontes e caráter do discurso místico de Leonardo Boff e Frei Betto

Carlos Eduardo Sell*

* Doutor em Sociologia Política (UFSC).



Percorrendo as revisões bibliográficas e balanços temáticos sobre o estado atual da teologia da libertação, os autores são unânimes em afirmar que esta vertente teológica vive uma fase de revisão. Depois da queda do Muro de Berlim (em 1989) e da extinção da União Soviética (em 1991), a teologia da libertação busca caminhos de renovação e atualização diante de um novo cenário social e também religioso¹. Entre as tendências mais importantes desta busca de renovação, destaca-se o vigor com que a temática da “mística” e da “espiritualidade” têm sido abordada por vários estudiosos identificados com esta corrente. Em parte da literatura da teologia da libertação este tema não só tem aumentado do ponto de vista quantitativo, mas tem apresentado nuances qualitativas novas.

A obra recente de autores como Leonardo Boff e Frei Betto é sintomática a este respeito. O primeiro, depois de um breve intervalo, que coincide com a falência do socialismo e seu afastamento como clérigo da igreja católica, passou a dedicar-se com bastante intensidade a temas espirituais². Algo semelhante acontece com seu colega de letras, Frei Betto³.

Embora esta não seja uma tendência única ou até mesmo hegemônica no seio da teologia da libertação⁴, ela revela alguns deslocamentos importantes neste campo de pensamento. Diante desse contexto, este artigo possui dois propósitos. Primeiramente, procura-se identificar quais as principais linhas ou fontes de pensamento místico que estão presentes na reflexão dos teólogos progressistas, as “fontes” teóricas das quais estes dois autores partem para a construção de um novo “discurso místico”. Em

¹ Este debate está presente em diversos autores que realizaram um balanço teórico e bibliográfico da Teologia da Libertação em seu estágio atual: Andrade (1996), Regidor (1997), Mo Sung (1994), Vigil (1998), Bordin (1999), Gonçalves (2000), Ribeiro (2003) e Clodovis Boff (2003).

² Entre seus textos mais recentes, cabe destacar: Nova Era (1994); Ecologia, mundialização e espiritualidade (1996a); Ecologia, grito da terra, grito dos pobres (1996b); A águia e a galinha (1997); O despertar da águia (1998); A oração de São Francisco (1999 a); Tempo de Transcendência (2000a); Saber Cuidar (2000b); Espiritualidade (2001); Experimental Deus (2002); Ética e eco-espiritualidade (2003b).

³ No caso de Frei Betto, são particularmente importantes os seguintes textos: Fome de pão e fome de beleza (1991); A obra do artista (2002) e Sinfonia universal (2003).

⁴ Higuier (1991) chama a atenção para os escritos de Gebara (1994 e 1997), que ainda não foram adequadamente estudados. Veja-se também o texto de Josaphat (1996). Entre os autores não diretamente identificados com a teologia da libertação, mas que exploram o tema da mística, veja-se Vaz (1994) e Maçaneiro (1995 e 2000).



seguida, o estudo busca caracterizar teoricamente esse discurso místico recorrendo ao conceito de “teopantismo”⁵.

1 Fontes

Visando identificar as fontes da mística libertadora de Leonardo Boff e Frei Betto, vamos escolher como objeto de análise deste capítulo a obra “Mística e Espiritualidade” (1999). Esse texto foi publicado por ambos os autores depois de realizarem conferências nos dias 17 e 18 de maio de 1993 em São Paulo. O livro em questão é composto de 33 capítulos (ou artigos), sendo que 17 deles foram escritos por Leonardo Boff e 16 por Frei Betto.

Nosso procedimento será o seguinte. Para identificar as fontes do discurso místico de Boff e Betto, procuramos examinar a posição de ambos diante das múltiplas tendências místicas que são mencionadas em seus escritos. É na medida em que vão delimitando sua posição, diante de outras tendências místicas, que os teólogos da libertação podem nos revelar de que modo concebem o tema da mística no quadro de uma reflexão teológica libertadora. Do ponto de vista operacional, procederemos de duas formas. Primeiramente faremos uma quantificação das fontes citadas por Leonardo Boff e Frei Betto no texto em questão. Agrupando os autores citados em categorias, obtivemos os seguintes resultados:

| Tabela 01 – Mística da libertação: fontes | | | | |
|--|----------------------|-------------------|-----------------------|-------------------|
| Categorias | N/ de autores | Percentual | N/ de citações | Percentual |
| Mística católica clássica | 28 | 51.8% | 115 | 54.2% |
| Mística secular | 16 | 29.6% | 51 | 24 % |
| Mística oriental | 06 | 11.1% | 25 | 11.7% |
| Mística católica Contemporânea | 04 | 7.4% | 21 | 9.9% |
| Total | 54 | 100% | 212 | 100% |

Fonte: (Boff e Betto, 1999)

Mais do que o peso desigual de cada categoria no conjunto mais amplo, este quadro já nos revela algo importante. A mística libertadora

⁵ Este estudo representa parte de minha tese de doutorado apresentada no programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (Sell, 2004).



é fruto da combinação e re-elaboração de quatro fontes principais: 1) a mística oriental, 2) o pensamento científico e político contemporâneo (que vamos chamar de mística secular) 3) a mística católica clássica e, 4) a mística católica contemporânea.

Nós tópicos seguintes analisaremos cada uma destas fontes (ou unidades de análise) separadamente. Mas, além da quantificação das fontes, faremos também uma “análise de conteúdo”, visando identificar o modo como cada uma delas é inserida no discurso místico libertador.

1.1 Mística oriental

O discurso da mística oriental ocupa um lugar chave na elaboração teórica dos teólogos libertadores. Podemos perceber isto não só pelo número (06) e pela frequência (25) de autores citados, mas também pela maneira como a espiritualidade oriental comparece na elaboração teórica dos autores em questão. Os principais místicos orientais citados no texto “Mística e espiritualidade” são os seguintes:

| Tabela 02 – Mística da libertação: fontes orientais | | |
|--|----|------|
| Buda | 07 | 28% |
| Chuang Tzu | 06 | 24% |
| Bhagavad Gita | 05 | 20% |
| Suzuki | 04 | 08% |
| Lao Tse | 02 | 08% |
| Confúcio | 01 | 04% |
| Total | 25 | 100% |

Fonte: (Boff e Betto, 1999)

De acordo com a visão de Leonardo Boff e Frei Betto, a grande qualidade da mística oriental é que ela não seria dualista, ou seja, ela não separa as dimensões do corpo e do espírito. É o que diz claramente a seguinte passagem escrita por Frei Betto:

O oriental não conhece apenas com a razão, mas também com a intuição. O oriental tem uma apreensão do todo que explica as partes, e não necessariamente uma apreensão das partes que explica o todo. Por isso a dificuldade de os ocidentais entenderem a cabeça dos japoneses, dos indianos, e sobretudo dos chineses, cuja cultura foi pouco influenciada pelo Ocidente (1999, p.96-97).



Leonardo Boff concorda com essa visão e afirma que a espiritualidade oriental já partia da unidade entre espírito e matéria, e somente hoje estaria sendo valorizada pela ciência ocidental:

Estamos chegando tarde a essa compreensão, ao contrário dos orientais, que não partiram da matéria, mas da energia. Nós partimos da matéria. Dos corpos chegamos aos átomos; fomos mais longe, descobrimos os elementos subatômicos, até chegar lá no fim, à energia primordial. Os orientais, não. De saída, toda a compreensão oriental, seja na Índia, no Paquistão, no Japão ou na China, parte dessa base: o que existe é energia cósmica. A suprema energia é o Nirvana ou o Tao, não importa o nome (Boff, 1999, p.105).

Além desta idealização da cultura e da espiritualidade oriental, ambos os autores incorporam as técnicas de oração ou contemplação da experiência oriental, especialmente do zen-budismo. Leonardo Boff, por exemplo, nos oferece vários exemplos da incorporação de técnicas e métodos de oração tirados do zen-budismo. Em uma delas, ele ensina o leitor a captar e buscar o seu centro. Leonardo Boff ensina com detalhes como se procede a busca deste eu profundo:

Vamos fazer o exercício de captar o nosso centro. Ajuda-nos a respiração ritmada. A mente começa pelo pé-esquerdo, sobe pelas juntas, e vai tomando conta de todo o nosso organismo, atravessando-o na ida e na volta. Assim, vamos criando uma harmonização, uma energização de toda a nossa realidade (...). Ele se expressa pelo OM, o som dos místicos da Índia. É fã sustentido. (...). Os iogues treinam esse OM para entrar em sintonia com as energias cósmicas (...). Até você vibrar com o todo. Então, você está no centro, lá onde o Pai está gerando o Filho na força do Espírito Santo (Boff, 1999, p.136).

Em síntese, duas idéias-força aparecem nas várias menções que os teólogos da libertação fazem da mística oriental. Em primeiro lugar seu caráter holista ou sua capacidade de unir corpo e espírito, razão e intuição num todo orgânico e harmonioso. Em segundo lugar temos a incorporação direta de técnicas e exercícios tirados da tradição zen-budista.

1.2 Mística secular

Na composição do discurso místico da teologia da libertação não comparecem apenas autores das grandes religiões. Podemos perceber também a influência de pensadores que não são religiosos e que pertencem



cem a fontes diversas como a física, a psicologia ou mesmo a política. Mas, como eles integram a “teoria” mística da teologia da libertação, resolvemos agrupá-los sob a rubrica de “mística secular”. Os principais autores mencionados neste campo são os seguintes:

| Tabela 03 – Mística da libertação: fontes seculares | | |
|--|-----------|-------------|
| Fontes científicas | | |
| Albert Einstein | 11 | 21.5% |
| Sigmund Freud | 10 | 19.6% |
| Carl Gustav Jung | 10 | 19.6% |
| Danah Zohar | 04 | 7.8% |
| Werner Heisenberg | 02 | 3.9% |
| Niels Bohr | 01 | 1.9% |
| David Bohm | 01 | 1.9% |
| Max Planck | 01 | 1.9% |
| Fritjof Capra | 01 | 1.9% |
| Renné Weber | 01 | 1.9% |
| Steven Weiberg | 01 | 1.9% |
| Sub-total | 43 | 84.3% |
| Fontes políticas | | |
| Che Guevara | 02 | 3.9% |
| Ho Chi Min | 02 | 3.9% |
| Luís Carlos Prestes | 02 | 3.9% |
| José Martí | 01 | 1.9% |
| Gregório Bezerra | 01 | 1.9% |
| Sub-total | 08 | 15.6% |
| TOTAL | 51 | 100% |

Fonte: (Boff e Betto, 1999)

No campo das ciências naturais, o autor mais longamente citado é *Albert Einstein*, que comparece 11 vezes na pena dos teólogos. Em uma passagem de Leonardo Boff, aparecem de uma só vez vários autores mencionados no texto:

Aquilo a que chamamos realidade apresenta-se incomensuravelmente maior que nossa razão e nossa vontade de dominação pelo conhecimento. Esta compreensão existencial é vivida por todos. Mesmo sábios e cientistas como Niels Bohr, Werner Heisenberg, Max Planck, David Bohm e Albert Einstein, entre outros, testemunham a experiência do mistério (Boff, 1999, p. 15).

A segunda grande fonte científica do discurso místico libertador é a psicologia. Os dois autores mais citados, *Freud* e *Jung*, costumam aparecer ligados no texto; mas enquanto o primeiro é criticado, o se-



gundo é valorizado. Uma única passagem de Leonardo Boff deixa isto muito claro:

Jung se contrapunha a Freud, argumentando que a primeira experiência da criança não é com o pai, mas com a mãe. Somos mais matricentrados do que patricentrados, porque ligados umbilicalmente à mãe desde o momento da concepção; o pai entra numa fase posterior. Freud abominava a mãe (...). Jung não tinha esse tipo de problema, por isso elaborou outro tipo de psicologia (Boff, 1999, p.152).

De forma geral, portanto, os cientistas incorporados ao discurso místico da teologia da libertação são elogiados pelos mesmos méritos atribuídos ao discurso místico oriental: a capacidade de unir espírito e matéria.

Mas, seria um engano pensar que o discurso “científico” de Boff e Betto nutre-se de um profundo e detalhado estudo da física contemporânea. Na verdade, no livro “Mística e Espiritualidade”, os autores deixam transparecer que suas fontes são muito mais textos de vulgarização da física contemporânea do que estudos acadêmicos propriamente ditos. Entre os textos de divulgação mencionados estão os livros de René Weber (Diálogo com cientistas e sábios), Steven Weiberg (Os três primeiros minutos), Fritjof Capra (O tao da física e ponto de mutação) e especialmente Danah Zohar (O ser quântico) que é citada 04 vezes.

Em sua teoria mística, Leonardo Boff e Frei Betto não chegam a incorporar elementos da tradição política. Os nomes que eles lembram servem muito mais para fornecer exemplos de militantes, motivados por uma determinada mística. Para Frei Betto, por exemplo, “durante muito tempo, mesmo no Brasil, a militância partidária mais radical colocou, de maneira muito acentuada, a questão da mística, embora não como discurso, mas como vivência” (Frei Betto, 1999, p. 49). Portanto, apesar dos teólogos em estudo terem citados 08 figuras da tradição política, eles não são utilizados como fontes para a elaboração da teoria mística. Sua inserção no discurso serve apenas para confirmar a premissa de que a mística seria essencial para alimentar a militância política e social.

1.3 Mística católica clássica

Em seu texto, Leonardo Boff e Frei Betto fazem uma particular releitura de boa parte da mística clássica, especialmente na sua versão



católica. Neste caso, a mística católica é criticada por ter sofrido a influência do dualismo grego:

Hoje temos um quadro de espiritualidade católica profundamente dualista no mais íntimo de nós mesmos, na medida em que a concepção platônica de divisão corpo e espírito continua acentuada em muitos documentos do magistério eclesiástico. A espiritualidade faz acentuada separação entre oração e ação. Existiriam aqueles que têm vocação ativa e os que têm vocação contemplativa (Frei Betto, 1999, p. 64).

No entanto, vários autores são elogiados por preservar a suposta herança unitária do espírito e corpo que seria própria do cristianismo originário. A tabulação geral a que chegamos é a seguinte:

| Tabela 04 – Mística da libertação: fontes católicas clássicas | | |
|--|-----|-------|
| São Francisco de Assis | 26 | 22.6% |
| São João da Cruz | 15 | 13% |
| Santa Teresa de Ávila | 12 | 10.4% |
| Mestre Eckhardt | 12 | 10.4% |
| Santo Agostinho | 08 | 6.9% |
| Tomás de Aquino | 06 | 5.2% |
| São Boaventura | 06 | 5.2% |
| Orígenes | 05 | 4.3% |
| Inácio de Loyola | 03 | 2.6% |
| Domingos de Gusmão | 02 | 1.7% |
| João Ruysbroeck | 02 | 1.7% |
| Juliana de Norwich | 02 | 1.7% |
| Outros (citados 1 vez) ⁶ | 16 | 13.9% |
| Total | 115 | 100% |

Fonte: (Boff e Betto, 1999)

Nas linhas seguintes, vamos mostrar, de forma particularizada, de que forma cada um dos místicos acima citado foi apropriado na reflexão teórica de Leonardo Boff e Frei Betto.

⁶ São citados apenas uma vez os seguintes autores: Pseudo-Dionísio, Cassiano, Alberto Magno, Catarina de Sena, Francisco de Sales, Afonso de Ligório, Angela de Foligno, Teresinha do Menino Jesus, Gregório de Nissa, Gregório Nazianzeno e Gregório Magno, Gregório (este, não especificado), Duns Escoto e Guilherme de Ockham. Tendo em vista que essas menções têm sempre um caráter ilustrativo, não fizemos uma análise detalhada dos trechos em que esses nomes são citados.



1.3.1 Francisco de Assis

No discurso místico de Leonardo Boff e Frei Betto, Francisco de Assis é o autor mais mencionado. Qual a leitura peculiar que cada um destes teólogos realiza da espiritualidade franciscana? De que forma ele foi integrado na teoria mística da teologia da libertação?

Para Leonardo Boff, Francisco de Assis é um místico que questionou o autoritarismo da igreja católica. Segundo sua versão, “o místico é figura perigosa para a religião. Dou um exemplo: São Francisco” (Boff, 1999, p.36). Em sua narrativa, Leonardo Boff nos explica que este santo queria viver o evangelho da forma mais pura possível. No entanto, as autoridades eclesiásticas o pressionavam para que ele elaborasse uma regra:

À medida que São Francisco se mostrava criativo, Roma o cerceava. A regra dele eram versículos da Bíblia, do Novo Testamento. O papa pressionou estipulando que, para ser frade, era preciso observar os três votos: pobreza, obediência e castidade; e obedecer ao papa Honório e a todos os seus sucessores. São Francisco teve de aceitar, porém a muito custo (Boff, 1999, p.37).

Frei Betto, por sua vez, procura em Francisco um duplo significado. Em primeiro lugar, Francisco de Assis representaria uma ruptura na história do pensamento místico. De uma mística intelectual e especulativa, passar-se-ia para uma mística afetiva. Do intelecto passa-se para o coração. Nas palavras de Betto:

Na idade média, entre os séculos XI e XII, surge uma mística profundamente afetiva, como a de Francisco de Assis: o amor à natureza, aos pobres, ao próximo. A compaixão para com os sofrimentos de Jesus. Uma nova modalidade ou um novo perfil de espiritualidade: uma espiritualidade apaixonada. Uma espiritualidade ao alcance do leigo, porque este não estudou filosofia, não estudou teologia, não leu a patrologia grega e latina, mas tem sentimento, emoção, sabe identificar-se com Jesus, faz uma paralelo entre a sua caminhada e a caminhada de Jesus (Frei Betto, 1999, p.59).

Olhando estas citações de maneira global, já podemos vislumbrar em que sentido a figura de Francisco de Assis é relida na ótica dos teólogos libertadores: 1) como um místico crítico das instituições eclesiásticas; 2) como um místico crítico do capitalismo nascente e 3) como



um místico que valoriza a natureza e tem uma espiritualidade afetiva e apaixonada.

1.3.2 João da Cruz e Teresa de Ávila

Para Frei Betto, os dois autores espanhóis acompanham o movimento da renascença que desloca a visão cosmológica da idade média para uma visão antropológica. Neste contexto, explica o teólogo:

João da Cruz e Santa Teresa conduzem Deus, que estava lá em cima, ao centro do coração humano. Com os dois, já não é o místico que deve chegar a Deus, que habita os céus. Deus está aqui, temos é de nos abrir a Ele. Deixá-lo entrar no âmago do coração. Não é mais a idéia de um Deus inacessível, que só pode ser desvendado pelo conhecimento. É a idéia de um Deus amoroso que, como a imagem do sol, se derrama; basta abrirmos o coração para desfrutar esse amor (Frei Betto, 1999, p.61).

Frei Betto também destaca o conflito entre estes místicos e as estruturas burocráticas da igreja católica. Leonardo Boff, por sua vez, retira de João da Cruz a idéia de que a experiência ou vida mística envolve também dificuldades e sofrimentos:

São João da Cruz ensina que, no processo de purificação mística, é preciso passar pela morte dos sentidos e do espírito. São duas grandes “noites”, que ele elabora. É para nos acostarmos a Deus, de modo que, quando ele se revelar, não morramos. “Muero por que no muero” diz Santa Teresa (Boff, 1999, p.80).

Já Frei Betto retira de São da Cruz um ensinamento importante para o método da oração: o controle da ansiedade. Conforme ele explica:

Quando se está ansioso em relação ao tempo, não se consegue parar para rezar. São João da Cruz tem uma frase genial: “devemos ser, diante do trabalho, como a cortiça na água”. A água jamais consegue submergir a cortiça, ela está sempre flutuando. Em outras palavras: nunca devemos levar a sério demais o trabalho que temos. Nunca deixar que ele nos sacrifique o tempo de oração (Frei Betto, 1999, p.132).

Comparando a presença destes dois autores (João da Cruz e Teresa de Ávila) com a presença de Francisco de Assis no texto de Frei Betto e Leonardo Boff, podemos perceber que dois elementos se repetem. Na visão destes teólogos, estes místicos são valorizados porque, 1) se con-



trapõem às autoridades eclesiásticas e, 2) porque apresentam uma mística não racionalista, fundada especialmente na emoção. Mas, há também um elemento novo que não aparece em relação a Francisco de Assis. Ambos os autores valorizaram também o aspecto metodológico da obra de João da Cruz. Ao nos referimos aqui ao “aspecto metodológico”, estamos nos referindo a técnicas de oração específicas utilizadas na vida espiritual. Como pudemos ver, ambos os autores retiram lições e ensinamentos diretos da obra de João da Cruz : o controle da ansiedade, a idéia de noite espiritual e o controle das sensações. Para Frei Betto, inclusive, parte da obra de João da Cruz estaria inspirada em técnicas orientais.

1.3.3 Mestre Eckhardt

Frei Betto faz apenas uma menção deste autor em seus textos. Portanto, das 12 vezes em que ele é citado, este aparece 11 vezes na pena de Leonardo Boff. O próprio ex-frade franciscano menciona em seu texto o fato de ter sido um dos organizadores e tradutores do lançamento que a Editora Vozes fez das obras deste místico alemão, para o qual ele mesmo redigiu uma apresentação intitulada “A mística da disponibilidade e da libertação” (1983) Para Leonardo, o mestre Eckhardt é o místico mais próximo da espiritualidade oriental:

O mestre ocidental mais próximo do zen-budismo é um confrade do Frei Betto, mestre Eckhart, grande teólogo dominicano do século XIV, que viveu de 1260 a 1328. É considerado o maior místico do Ocidente, embora diferente dos ocidentais. É mais próximo de Lao Tsé, de Chuang-Tzu, dos mestres orientais e da atitude zen (Boff, 1999, p.73).

De acordo com a explicação de Boff, isto ocorre porque Eckhardt consegue romper com o racionalismo ocidental:

Nós, ocidentais, sempre trabalhamos com a razão, dividimos o mundo sensível aqui, o mundo racional lá; eu e eu-tu; o mundo e transcendência. Eckhardt, não. Primeiro, tentou ser teólogo. Meteram-no à força em Paris para disputar com os franciscanos, após Tomás de Aquino. Um dia ele foi embora dizendo não servir para disputar teologia. Seguiu para a Alemanha, Estrasburgo, e tornou-se um grande missionário (Boff, 1999, p.74).

Também como nos casos anteriores, Frei Betto nos lembra que o místico alemão também teve problemas com a cúpula da igreja católica:



“O próprio mestre Eckhardt foi considerado suspeito de heresia. Atualmente, os dominicanos movem um processo junto à Cúria Romana para anistiá-lo. O Vaticano também deve reconhecer que, no seu caso, as alegações de heresia não têm fundamento teológico” (Frei Betto, 1999, p.62)

O movimento teórico que se pode perceber é que Mestre Eckhardt é valorizado na medida em que questiona o dualismo (ou racionalismo) ocidental, e se afasta de uma noção de transcendência absoluta para enfatizar a imanência do divino no humano. De Mestre Eckhardt, portanto, Leonardo Boff resgata diretamente a visão “teopantista” da divindade.

1.3.4 Tomás de Aquino

Outro autor que foi citado por 06 vezes é *Tomás de Aquino*. Como sabemos, este teólogo não se notabilizou na igreja católica por ser um grande místico, mas especialmente pela sua capacidade intelectual, consubstanciada em sua maior obra, a “Suma Teológica”. Na reflexão de Frei Betto, Tomás de Aquino é valorizado pelas mesmas razões que Mestre Eckhardt:

Santo Tomás, que não era da mística germânica, assinalava que, no centro de nós mesmos, habita Deus. Quanto mais vou ao encontro de mim mesmo, mais encontro um Outro que não sou eu, encontro aquele verdadeiro Eu divino. A presença de Deus no centro da alma. Surge a idéia da imanência divina, de que isso a que chamamos alma é a face de Deus no nosso âmago. Nossa essência é uma essência divina (Frei Betto, 1999, p. 59-60).

Na visão de Frei Betto, apesar da sua formação latina, Tomás de Aquino estaria mais próximo da linha germânica, cujo centro não estaria no êxtase, mas na idéia de ênstase, que ele aproxima novamente da idéia da mística oriental:

É uma visão [Santo Tomás] que não combina com a tendência latina, mais na linha do êxtase e das emoções. A tendência germânica, introspectiva, não é uma tendência do êxtase. Como a teologia mística dos budistas e dos indianos em geral, ela frisa o ênstase. Ênstase é o entrar dentro de si, despojar-se de si cada vez mais e, nesse despojamento, conseguir não só a total liberdade do corpo, mas a completa nudez do espírito (Frei Betto, 1999, p.60).



1.3.5 Crítica ao dualismo e ao racionalismo

Os quatro autores que vamos discutir doravante – Orígenes, Agostinho, Boaventura e Inácio de Loyola – são abordados por Leonardo Boff e Frei Betto sempre de forma crítica e negativa. Como os argumentos utilizados são basicamente os mesmos para cada um deles, podemos considerá-los também de uma forma conjunta.

O argumento fundamental de Frei Betto para fazer a crítica de Orígenes e Agostinho é o seu dualismo: “há um dualismo corpo-espírito, muito grego, que aparece na teologia cristã já nos primeiros séculos, em Orígenes e, acentuadamente, em Santo Agostinho” (Frei Betto, 1999, p.82). Foi com *Orígenes*, que o dualismo grego passou a afetar o cristianismo:

Com Orígenes, tem início não só a percepção de certa visão negativa do mundo, da Criação, mas também a perda da dinâmica da militância do Reino, que é a dinâmica do martírio, dos confessores, em favor de toda uma arquitetura da contemplação e da espiritualidade baseada na introversão, na ascética individual (Frei Betto, 1999, p.55).

O mesmo juízo negativo é feito sobre Agostinho, “o primeiro filho de pais separados que todos nós, cristãos, ainda somos: o filho da tradição unitária hebraica e do dualismo grego” (Frei Betto, 1999, p.57). Em seguida, ele conclui:

Essa tradição hebraica casou-se com o dualismo grego e nós, cristãos, somos filhos desses pais, cujo casamento nunca deu certo. Nunca conseguiram ser uma só alma, um só espírito, um só corpo. Agostinho talvez seja a primeira grande expressão disso, alguém que reelabora toda a teologia cristã com base na filosofia grega e com a idéia de que a alma é algo que precisa se libertar do corpo (Frei Betto, 1999, p.57).

São Boaventura e Inácio de Loyola também são tratados por Frei Betto e Leonardo Boff de forma negativa; mas, desta vez, por outro motivo. Estes místicos são criticados especialmente por terem se submetido de forma subserviente às estruturas eclesiais. É o que afirma, por exemplo, Frei Betto: “O despojamento interior é recusado tacitamente, não doutrinariamente, pela Igreja, quando ela começa a valorizar as meditações tipo Inácio de Loyola, que enche a cabeça de imagens e também coloca os sentidos na meditação” (Frei Betto, 1999, p.43).



São Boaventura, por sua vez, também não escapa deste juízo. Colocado em contraste com Francisco de Assis, Leonardo Boff o critica por ter-se submetido às regras da instituição: “São Boaventura, considerado o verdadeiro fundador da Ordem Franciscana, e não São Francisco, manda queimar todas as biografias existentes, os testemunhos dos confrades, e faz ele mesmo a biografia canônica, boa para os noviços. Cria as Constituições Gerais, cujo centro é a aprovação do papa” (Boff, 1999, p.38).

2 Mística católica contemporânea

Além de autores clássicos, comparecem no discurso de Leonardo Boff e Frei Betto autores importantes da mística contemporânea, como podemos ver a seguir:

| Tabela 05 – Mística da libertação: fontes católicas contemporâneas | | |
|---|----|-------|
| Theilhard de Chardin | 10 | 47.6% |
| Thomas Merton | 05 | 23.8% |
| Simone Weil | 04 | 19% |
| Charles de Foucauld | 02 | 9.5% |
| Total | 21 | 100% |

Fonte: (Boff e Betto, 1999)

O autor de longe mais citado é *Teilhard de Chardin* (10 vezes). Este pensador católico normalmente é lembrado pela sua condição de perseguido pela burocracia católica. Leonardo Boff chega a comparar diretamente sua experiência com o caso de Teilhard de Chardin:

Disseram-me, quando tomei a decisão de deixar o ministério: “Você tem de ser como Teilhard de Chardin, pode ir para a China, mas fique na Ordem”. Teilhard tinha o seu carisma, eu tenho outro. Ele tinha uma compreensão da Igreja, com bom jesuíta, que eu não tenho mais. De que a Igreja é algo absoluto. Para mim o absoluto é o Reino de Deus, e se me mandam sair do Reino de Deus, eu digo não. Podem me matar, mas eu não saio (Boff, 1999, p.39).

Outro aspecto importante que é resgatado no pensamento deste jesuíta é o caráter “panteísta” de seu discurso. Comparando Teilhard de Chardin com Francisco de Assis, Leonardo Boff declara:

Um outro parecido com ele foi Teilhard de Chardin, que tinha a mesma experiência de base: a da redescoberta do sagrado no cosmos e de Deus no mundo. Chama irmão a cada coisa, Deus está ali. Teilhard de Chardin



é, no mundo moderno, um grande místico, antropólogo, geólogo, paleontólogo, que escreveu o famoso livro “O meio divino” (Le milieu divin). Um homem que veio da cosmologia moderna, do mundo em evolução, e percebeu que o Cristo não é só mediterrâneo (...). Cristo está no começo da organização do mundo, da matéria, e vem evoluindo – a Cristogênese – vem sendo concebido no seio, no ventre cósmico, até nascer: O universo é cristico. Vem marcado por Cristo (Boff, 1999, p.38).

O monge americano *Thomas Merton*, da ordem de Cister, foi citado por Boff e Frei Betto por 04 vezes. Em todas as menções, de alguma forma, os autores destacam a sua tentativa de aproximar a mística cristã da mística oriental. Na primeira, de forma ligeira, Leonardo Boff nos lembra a ligação entre Thomas Merton e o mestre oriental Suzuki: “outro mestre zen, Suzuki, grande amigo de Thomas Merton, dizia ...” (Boff, 1999, p.72).

Simone Weil é citada por Leonardo Boff 03 vezes, em um único texto, e Charles de Foucauld duas vezes. Mas, o que podemos perceber de comum na análise destes quatro autores é que três deles são valorizados pelo mesmo motivo: uma espiritualidade cósmica ou oriental. Este é o caso de Teilhard de Chardin com sua visão da cristogênese, de Thomas Merton com sua aproximação ao zen-budismo e ainda de Simone Weil, interpretada por Leonardo Boff como uma versão ocidental do zen-budismo.

3 Caráter

Com base neste detalhado estudo das quatro fontes da mística da libertação, já estamos em posse de material suficiente para determinar o “caráter” deste tipo de mística. Por caráter da mística estamos nos referindo aqui ao aspecto específico que a distingue e aproxima de outras correntes místicas. O que pudemos perceber é que os teólogos da libertação constróem sua proposta de mística incorporando e combinando elementos da mística oriental (fonte 1) e da nova epistemologia contemporânea (fonte 2). A partir destas premissas, os autores revisitam a espiritualidade católica clássica (fonte 3) e contemporânea (fonte 4); realizando uma leitura seletiva desta tradição. Como, seguindo a recomendação clássica de identificar o “gênero próximo” e a “diferença específica”, podemos identificar a “identidade” e a “singularidade” do discurso místico da teologia da libertação? Qual é o seu “quid”, a sua essência própria, a sua marca característica?



Uma primeira tentativa seria apontar o forte caráter panteísta desta proposta. Embora estes teólogos não neguem o caráter pessoal da divindade cristã, sua visão religiosa se aproxima muito mais da religiosidade oriental que da ocidental. O que é fundamental acentuar é que esta visão espiritual desloca a ênfase da espiritualidade do pólo da transcendência para o pólo da imanência. É neste sentido que a mística libertadora é claramente uma forma de misticismo panteísta. Mas, esta argumentação pode esbarrar na alegação que Leonardo Boff e Frei Betto elaboram ao afirmar que não são panteístas. Sua proposta seria “panenteísta”.

Para contornar a dificuldades que estes teólogos nos colocam vamos recorrer a um clássico da sociologia e história das religiões: Rudolf Otto. Além de um conhecido estudo em que trata do aspecto “numinoso” do Sagrado (Otto, 1992), este autor realiza também uma análise comparativa entre a mística ocidental e a oriental a partir do estudo das obras de Eckhart e do místico hindu Çankara (Otto, 1996). Portanto, a partir de Otto temos preciosos elementos para pensar de forma conjunta a religiosidade ocidental e a oriental, que o discurso místico de Boff e Betto desejam compatibilizar. Pois bem, sabendo que na religiosidade ocidental a divindade não se reduz ou simplesmente não se confunde com a totalidade, ele nos apresenta a expressão “teopantismo”. Este conceito aparece na obra de Otto quando ele discute as características da teoria do nascimento de Deus na alma, formulada por Mestre Eckhardt. Conforme explica, “ce n’est pas là du panthéisme mais bien plutôt son opposé diamétral, et peut-être superlatif: c’est la conception théopantiste d’une doctrine excessive de la grâce, ce n’est pas une divinisation de la créature” (1996, p.199). Como o próprio termo grego sugere, (*theós* = deus + *pan* = tudo), o que se quer enfatizar é que Deus não é o todo, mas Deus está em tudo e tudo está em Deus. Ora, é justamente esta premissa que serve de base ao discurso místico da teologia da libertação.

Mística “panteísta”, “panenteísta” ou “teopantista”? Do ponto de vista analítico, já explicamos que o terceiro termo nos parece mais adequado para exprimir o caráter próprio da teologia da libertação que os outros dois. Mas, independentemente do uso que façamos dos conceitos, eles possuem uma base comum, que também já destacamos. *A mística teopantista* da teologia da libertação é essencialmente uma visão imanente da divindade, cuja ênfase está voltada mais para acentuar a presença de Deus no mundo do que sua soberana transcendência. O que a teologia libertadora quer é garantir que a mística não afaste o “militante” do mundo. Por isso, é dentro deste próprio mundo que o indivíduo faz sua



experiência mística. Afinal, a mística libertadora precisa deixar sempre uma porta aberta para a política. Colocar o indivíduo em um “êxtase místico” fora do mundo é um risco que os teólogos da libertação não querem correr.

4 Considerações finais

O discurso místico de Leonardo Boff e Frei Betto possui uma dupla importância. Por um lado, ele é parte de um processo social mais amplo que envolve a redefinição dos padrões de conduta da própria religiosidade contemporânea. Como mostram vários estudiosos (Campbell, 1997; Champion, 1990 e Hervieu-Léger, 1999), as vivências religiosas hodiernas são marcadas pelo individualismo e por tendências místicas. A mística libertadora de Boff e Betto acompanha nitidamente esse processo (Steil, 1999 e Camurça, 2000). Em segundo lugar, este discurso também aponta para mudanças no interior do próprio cristianismo da libertação (Löwy, 2000). Embora não seja a única tendência (e também não possa ser considerada hegemônica), o discurso místico destes autores aponta para um processo de redefinição desta vertente teológica que ainda não foi adequadamente compreendido. Prosseguir nesta investigação, apontando para as fontes e características da mística da libertação, é uma das contribuições que este trabalho procura deixar.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. Novos paradigmas e teologia latino-americana. In ANJOS, Márcio Fabri (org.). *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 49-62.

BETTO, Frei. *Fome de pão e fome de beleza*. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *A obra do artista: uma visão holística do universo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Sinfonia universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.



BINGEMER, Maria Clara L e BARTHOLO Jr., Roberto dos Santos. *Mística e política*. São Paulo: Loyola, 1994, p.09-63.

BOFF, CLODOVIS. A teologia da libertação e a crise de nossa época. In *Revista teologia e cultura*, s.v., 2003.

BOFF, Leonardo. *Nova era: a civilização planetária*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996 a .

_____. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996b.

_____. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999a.

_____. *Tempo de transcendência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000a.

_____. *Saber cuidar: ética do humano/compaixão pela terra*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000b.

_____. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. 3. ed. Rio de Janeiro: sextante, 2001.

_____. *Experimentar Deus: A transparência de todas as coisas*. 3. ed. Campinas: Verus, 2002.

_____. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas: Verus, 2003b.

BORDIN, Luigi. Teologia da libertação e marxismo no contexto da globalização. In *REB - Revista eclesialística brasileira*, vol. 59, fasc. 233, 1999, p.127-151.

CAMPBELL, Collin. A orientalização do Ocidente. In *Religião e sociedade*, n. 18/1, 1997, p. 05-22.

CAMURÇA, Marcelo. Sombras na catedral: a influência New Age na Igreja Católica e as idéias holistas de Leonardo Boff e Frei Betto. In *Númen: revista de estudos e pesquisas de religião*, 2000, v. 1, n.1, p. 85-125.



CHAMPION, Françoise. La nébuleuse mystique-ésotérique: orientations psychoreligieuses des courants mystiques et ésotériques contemporains. In CHAMPION, Françoise; HERVIEU-LÉGER, Danièle. *De l'émotin en religion: nouveaux et traditions*. Paris: Centurion, 1990, p.17 – 70.

GEBARA, Ivone. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo: Paulinas, 1994.

_____. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GONÇALVES, Paulo Sérgio. Epistemologia e método do projeto sistemático da TdL. In *REB - Revista eclesiástica brasileira*, vol. 60, fasc. 237, 2000, p.145-179.

HERVIEU-LÉGER. *Le pèlerin et le converti: la religion en mouvement*. Paris: Flammarion, 1999.

HIGUET, Etienne. Misticismo e sincretismo na espiritualidade ecológico brasileira: justificação e crítica a partir do pensamento de Paul Tillich. In *Estudos da religião*, ano XV, n. 20, 2001, p.135-155.

JOSAPHAT, Carlos. *Contemplação e libertação*. São Paulo: Ática, 1996.

LIBANIO, João Batista. Panorama da teologia da libertação da América Latina nos último vinte anos. In LIBANIO, João Batista, ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAÇANEIRO, Marcial. *Mística e erótica: um ensaio sobre Deus, eros e beleza*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Arquétipos da sacralidade interior na espiritualidade cristã e no misticismo emergente. In *REB - Revista eclesiástica brasileira*, fasc.239, vo.60, 2000, p.515-539.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

_____. *Mystique d'Orient et mystique d'Occident: distinction e unité*. Paris: Éditions Payot, 1996.



PALÁCIO, Carlos. Deslocamentos na teologia, mutações socioeclesiais: caminhos recentes da teologia no Brasil. In *Concilium*, N. 296, 2002/3, P.73-79.

REGIDOR, José Ramos. Libertação e alteridade. 25 anos de história da teologia da libertação. In *REB – Revista eclesiástica brasileira*, vol. 57, fasc. 255, 1997, p.118-138.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. A teologia da libertação morreu? Um panorama da teologia latino-americana da libertação e questões para aprofundar o debate teológico na entrada do milênio. In *REB – Revista eclesiástica brasileira*, Petrópolis, vol. 63, fasc. 250, 2003, p.118-138.

RICHARD, Pablo. A teologia da libertação na nova conjuntura. Temas e desafios novos para a década de noventa. In *REB – Revista eclesiástica brasileira*, vol. 51, fasc. 203, 1991, p. 651-663.

SELL, Carlos Eduardo. *A virada mística: subsídios para uma análise sociológica do discurso místico da teologia da libertação*. Tese de doutorado em sociologia política: UFSC, 2004.

STEIL, Carlos Alberto. A igreja dos pobres: da secularização à mística. In *Religião e sociedade*, vol. 19, ano 2, 1999, p. 61-76.

SUNG, Jung Mo. *Teologia & economia: repensando a teologia da libertação e utopias*. Petrópolis: Vozes, 1994.

VAZ, Henrique de Lima. Mística e política: a experiência mística na tradição ocidental. In VIGIL, José Maria. Mudança de paradigma na teologia da libertação? In *REB – Revista eclesiástica brasileira*, vol. 58, fasc. 230, 1998, p.311-328.